

DF

Brasília intriga, agrada e desagrade pesquisadores europeus e norte-americanos que aqui vêm para conhecer e tentar entender a cidade

A MENINA DOS OLHOS

Alethea Muniz
Da equipe do Correio

"Os operários pareciam anjos e demônios. De vez em quando, pareciam também atores de um outro planeta representando uma peça cujo enredo não podíamos compreender"
(Jacques e François Gall, Paris, 1959)

Vista de longe, Brasília continua a intrigar os estrangeiros. Gente de toda parte aventura-se entre teses e teorias sobre a cidade. Alguns preferem conferir com os próprios olhos. Percorrem-na de ponta a ponta para revelar aos conterrâneos o resultado daquela empreitada que, há 40 anos, foi notícia em todo o mundo. Afinal, parecia sonho impossível levantar uma cidade totalmente inovadora em apenas três anos. Quatro décadas depois, fala-se muito de Brasília. Uns falam bem, outros, mal. Eis alguns exemplos:

1. É artificial, nascida da vontade administrativa, inóspita e difícil de viver. Desumanizada.
2. Cidade acolhedora e habitável, que combina urbanização e ruralidade. Traz liberdade, o que não se encontra nas outras metrópoles.
3. Espaço aberto em excesso, muito exposto ao sol e aos ventos. Modernista, cafona.
4. A arquitetura é bela, singular e coerente. Um dos maiores feitos da humanidade no século 20.

Cercada de contradições, Brasília carrega o peso de ter nascido histórica. Foi criada para abrigar o poder brasileiro no interior do país, mas surge nas páginas de jornais e revistas internacionais pela arquitetura moderna, pela urbanização pré-estabelecida, pelo modo de vida de seus habitantes. Peculiaridades que a levaram a ser tombada Patrimônio da Humanidade pela Unesco em 1987, antes de completar 30 anos de idade.

"Creio que um projeto como o de Brasília é difícil de superar", afirma o crítico de arte espanhol Pablo Rico de LaCasa, em entrevista por telefone. Ele esteve aqui várias vezes, entre 1996 e 1999, e assinou a curadoria de mostras como *Gravuras de Goya e Yoko Ono*, ambas realizadas na cidade. "Hoje Brasília é mais do que notícia. É imagem significativa da arquitetura moderna", defende ele.

Autodenominando-se enamorado de Brasília, Pablo Rico reconhece a singularidade do projeto de Oscar Niemeyer e Lucio Costa. "É uma arquitetura forte e coerente, autêntico monumento de uma época", defende ele. Ser importante referência da arquitetura moderna, no entanto, leva as pessoas que estão longe do cotidiano brasileiro a acreditarem que a cidade parou no tempo e está imóvel, estática, tal qual estava nos anos 60, quando surgiu como a utopia realizada. "Nos livros não se fala da cidade viva", relata.

Pablo discorda dessa concepção e argumenta com o que é mais simples (ou complexo?) na existência humana: a contraposição entre vida e morte. Brasília tem cemitério de gente que nasceu e morreu na cidade, gente que teve os filhos nos hospitais locais e enterrou os pais no Campo da Esperança, um cemitério com túmulos dispostos em espiral. "Nascer, viver e morrer na cidade faz dela um lugar acolhedor e habitável", filosofa.

FALSOS RUMORES

Outro estrangeiro que decidiu verificar a validade

dos textos difundidos mundo afora foi o antropólogo francês Jean-Loup Herbert. Ele despiu-se dos preconceitos e mergulhou, há quatro anos, no universo criado em pleno planalto central. Depois, relatou tudo na revista francesa *Urbanisme*, uma das referências mais importantes sobre arquitetura na França. Antes de expor a cidade, Herbert desperta a curiosidade do leitor com as peculiaridades brasilienses. "É possível uma cidade sem ruas, sem calçadas, sem cruzamentos?", pergunta.

Segundo Herbert, a maioria dos textos e guias turísticos sobre Brasília alimentam rumores conceituais como abstração, racionalismo, monumentalismo, autoritarismo e formalismo. Seu estudo, no entanto, apresenta uma cidade que concilia urbanismo e ruralidade, com forte preservação dos espaços verdes, protegendo-os da especulação imobiliária. O fato de ser a única cidade do mundo construída sobre pilotis questiona o conceito de privado e público, uma vez que qualquer pessoa pode andar sob os blocos.

Ao passar seis meses na capital brasileira, o antropólogo fascinou-se com a possibilidade de não ter o percurso pré-determinado pela direção das ruas e calçadas. Quer dizer, ele era capaz de escolher várias maneiras para ir de um lugar a outro, o que lhe despertou o "sentimento de liberdade". Quando decidiu retornar à Europa, escolheu Barcelona para desembarcar, por ser uma cidade em que se sentia mais "livre" do que em Paris. Mas daquela vez não foi a mesma coisa. O melhor lugar para ver o horizonte era mesmo Brasília.

Essas características fazem de Brasília um lugar especial aos olhos de quem compara a vida desta com a de outras cidades. "Brasília é moderna — e não modernista — porque mantém qualidades essenciais da natureza humana: espaço e silêncio", diz o arquiteto Cláudio Queiroz, professor da Universidade de Brasília (UnB). Ele voltou à cidade depois de viver na Argélia por 16 anos e compreende como poucos a estrutura urbana deste lugar. Coleciona textos publicados em cidades estrangeiras, traz na ponta da língua a história da capital, descreve a topografia do lugar que considera tão especial.

PARADOXOS URBANOS

Para os estrangeiros, tão importante quanto a obra monumental de Oscar Niemeyer é o Plano Piloto desenhado por Lucio Costa. Mapas são reproduzidos para ilustrar artigos sobre a cidade. A experiência da dupla iugoslava Sabine Fischer e Srdan Jovanovic, por exemplo, está relatada no ensaio *Brasília não é um Sonho*, publicado pela revista *Dans*, que circula no leste europeu.

No ensaio, eles negam a tão divulgada artificialidade do projeto. Negam o artificial associado à imitação e à simulação, mas o afirmam como ambição. Brasília, na visão de Sabine e Srdan, sustenta vários paradoxos. É mágica e irreal, futurista e pragmática, democrática e excêntrica. Uma bizarra aparência sustentada pelo projeto urbanístico de Lucio Costa, dizem eles.

O Plano Piloto também é alvo dos norte-americanos. Por lá, como em qualquer parte do mundo, fa-

la-se de Brasília. Mas ao contrário dos europeus, eles costumam ser mais críticos. "A literatura divulgada nos Estados Unidos sobre Brasília é carregada de crítica bem negativa", relata a norte-americana Rebecca Abers, doutora em Planejamento Urbano pela Universidade da Califórnia, em Los Angeles. "Dizem que a cidade é alienante, há espaços vazios, faltam ruas, a vida é desumanizada", enumera Rebecca.

Ao desembarcar em Brasília e passar seis meses morando numa superquadra, Rebecca discordou completamente dessa crítica. "Vi que o espaço é muito agradável de viver, você caminha por onde quer, os moradores gostam disso e há um sentido de comunidade", relata. Rebecca escolheu Brasília para viver há dois anos. Mora em área rural a 25 quilômetros do Plano Piloto, depois da QI 29 do Lago Sul, num lugar batizado por Altiplano Leste.

Com a segunda crítica difundida nos Estados Unidos, porém, ela concorda. Trata-se do sonho de sociedade igualitária que virou excludente, devido ao grande número de pessoas de baixa renda nas cidades ao redor do Plano Piloto. "Há uma grande segregação aqui. E isso acaba enganando a gente, porque podemos viver numa felicidade de classe média sem tanto contato com o resto da sociedade brasileira", analisa ela, hoje pesquisadora associada do Núcleo de Políticas Públicas da UnB.

MUITO MODERNA

As críticas dos norte-americanos não se resumem a essas questões. Eles atacam até mesmo o que aparenta ser unanimidade quando se trata de Brasília: a arquitetura. Em fevereiro passado, a revista *Time* publicou um quadro com três construções do século 20 que considera exemplos modernistas. Os prédios públicos da Esplanada dos Ministérios, segundo a revista, estão expostos ao sol inclemente e aos ventos. Trazem um exagero do moderno, o que pode ser interpretado como cafona.

Ponto de vista combatido pelo diretor de fotografia da galeria Robert Miller, o francês Olivier Renaud Clement, que propôs reportagem sobre Brasília na prestigiada revista nova-iorquina *The New Yorker*. "É a única utopia que virou realidade", responde Olivier, quando questionado sobre o que pensa da cidade. "Não sei dizer se é o mais importante exemplo da arquitetura moderna, mas está entre os melhores", diz ele, em entrevista ao *Correio*.

Em Nova York, Olivier organizou exposição de fotografias sobre Brasília no primeiro semestre do ano passado. Nela, despertou a atenção da população para a cidade de Lucio Costa. Ele esteve aqui em épocas nada favoráveis para ver pessoas nas ruas (durante o carnaval e no final da Copa do Mundo), o que lhe causou estranhamento, mas lamenta apenas a falta de calçadas para pedestres. Cidade realmente desumanizada, para ele, é Los Angeles.

Independente da visão arquitetônica de Brasília, o espanhol Pablo Rico lembra que a cidade não pode ser simplesmente um sítio arqueológico do modernismo do século 20. "Brasília necessita de um projeto para o século 21. Ela tem uma carga de futuro que precisa continuar em desenvolvimento, não pode virar memória de uma época", ressalta.

VIDA DE PIONEIRO

Carlos Vieira



O CHORO DE BRASÍLIA

Juliana Monteiro
Especial para o Correio

Na adolescência ele era conhecido como Jimmi Reco, a palheta mais veloz do cerrado. Hoje, à frente do Clube do Choro e da Escola Brasileira de Choro Rafael Rabelo, ganhou o apelido de Reco do Bandolim. O baiano Henrique Lima Santos Filho veio para Brasília em 1963. A alusão ao roqueiro Jimmi Hendrix veio da habilidade com a guitarra, seu primeiro instrumento. Reco, um dos fundadores do Clube do Choro, está ajudando a fazer de Brasília uma referência nacional em choro.

Por que veio para Brasília?

"Meu pai foi eleito deputado federal. Vim aos oito anos, com toda a família."

O que mais gosta aqui?

"Do ambiente e das pessoas que moram aqui. Gosto desta geração que está fazendo Brasília, da arte e, claro, do choro que é feito em Brasília."

O que mais detesta?

"Não tem acarajé nem mar." "O que mais falta à cidade?" "As pessoas que ocupam posições de comando, como na Secretaria de Cultura, por exemplo, são pessoas, que não conhecem a realidade de Brasília. Mas isso está mudando."

Qual o primeiro lugar onde você levaria um turista?

"No Clube do Choro."

O dia ou a noite de Brasília?

"Aquele vermelho do céu no final de tarde."

De onde a vista de Brasília é mais bonita?

"A visão da cidade, de dentro do Lago Paranoá, é linda. Precisamos democratizar esse espaço."

"O que você responde quando alguém fala mal de Brasília?" "Faço igual ao cearense: vai tomar..."

